



## Almanaque

### **História de amor traz tragédia, traição e o fim de um povo**

Na história, o conquistador espanhol Hernán Cortés, que mesmo cruel, frio e traiçoeiro, conquistou o coração de uma bela índia asteca, Malinche, que não hesitou trair seu povo. *Página 25*

Continuação



# História de amor envolve tragédia, paixão e traição

Espanhol Hernán Cortés, que mesmo cruel, frio e traiçoeiro, conquistou o coração de uma bela índia asteca

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouvea@bol.com.br

Essa história de amor envolve tragédia, paixão, traição e o extermínio de um povo promovido por um conquistador espanhol, Hernán Cortés, que mesmo cruel, frio e traiçoeiro, conquistou o coração de uma bela índia asteca, Malinche. Perdidamente apaixonada pelo navegador, ela não hesitou em trair seu povo. Hernán, anos depois, entregou-a a um companheiro, com quem a nativa casou e teve dois filhos. Daí por diante não se sabe mais nada sobre esta mulher, a quem os mexicanos atuais chamam de "Judas".

Malinche entrou estrategicamente e tragicamente na vida de Hernán na tarde do dia 11 de junho de 1519 – exatamente há 499 anos – quando a nau capitânia espanhola, à frente de uma esquadra de 10 navios, aportou em Tobasco, na costa do Golfo do México. À bordo desses barcos, vinham homens de várias nacionalidades – principalmente espanhóis – ansiosos por sexo, ouro, saques e escravos. Para eles, terminaria ali uma jornada de meses em alto-mar, devorados pelo escorbuto e ameaçados pela fome e naufrágios. A paisagem de cidades semelhantes à Sevilha, que se descortinava diante dos marujos, sugeria riqueza fácil, a ser adquirida pela força.

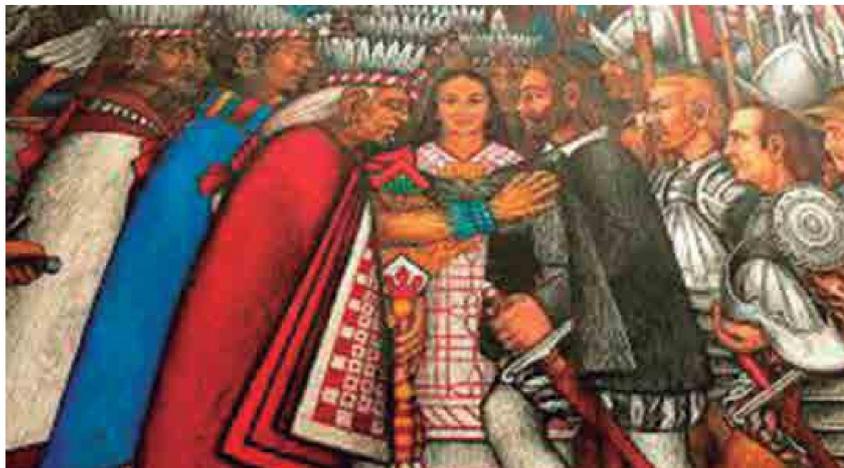
Pensando em agradar aos visitantes, os nativos enviaram para eles pães, frutas, aves exóticas, ouro e pedras semipreciosas. Em meio aos regalos se encontravam 20 mulheres escravas. Malinche destacou-se logo entre as moças. Por ordem dos chefes astecas, elas deveriam cozinhar e lavar para os visitantes, além de proporcionar-lhes sexo, sem esboçar nenhuma rejeição. Cortés

*Afirma-se que Malinche tinha muita autoridade sobre os índios da região. Mas era dhada pelos seus com desconfiança*

correspondeu aos olhares de Malinche. Na mesma noite ela estaria na cabine de El-capitán, com quem se envolveria em tramas, homicídios e estratégias que envolviam o extermínio de seu próprio povo.

Como Malinche dominava as línguas asteca e maia, Hernán a nomeou tradutora oficial da esquadra. Jerónimo de Aguillar, um religioso que naufragara ali em 1514, embora soubesse a língua asteca, passou a ser, apenas, auxiliar da índia. Desconfiado e sempre com um pé atrás, Hernán determinou que um rapazinho nativo, Orteguita, que Aguillar transformou em poliglota, confirmasse para ele se Malinche estava traduzindo fielmente o que se falava em asteca, maia e espanhol.

Afirma-se que Malinche tinha muita autoridade sobre os índios da região. Mas era olhada pelos seus com desconfiança, por pertencer ao harém de Hernán e ter tido um filho com ele, Martín, o primeiro mexicano batizado na América. A desconfiança dos irmãos de raça sobre Malinche atingiu um de seus irmãos, cacique de uma tribo importante e da sua própria mãe. Ao chamá-los para batizar como cristãos, eles choraram: pensavam que Malinche os iria matar. Já cristãos, a mãe de Malinche passou a se chamar Marta e o irmão Lázaro.



## Joias, roupas e ouro para a mãe e o irmão

Diplomata, Malinche consolou-os, deu-lhes de presente ouro, joias e roupas, e ordenou que a mãe e o irmão voltassem ao povoado de origem. Antes, nos primeiros contatos com Hernán, Malinche os havia entregado aos xicalango, uma tribo que fazia oposição aos astecas. À medida que Malinche crescia de importância junto ao amante, também prosperavam os planos de assalto de Hernán. Ela e uma facção dos astecas acreditavam que Hernán e seus homens eram, na realidade, o Deus Quetzalcoatl e seu exército. E uma profecia marcava que Quetzalcoatl voltaria a fim de retomar seu reino, usurpado por mortais.

Mas havia uma facção opositora entre as etnias astecas, que não acreditava nesta profecia. Nem achava que os espanhóis e seus cavalos eram uma só pessoa, muito menos que os canhões e arcabuzes, as mais potentes armas de fogo da época e nunca vistas pelos astecas, seriam depósitos de raios mortais, que nunca se acabavam. Montezuma II, o imperador asteca que acreditava nisso, morreu ao discursar diante de seu povo, pedindo para não hostilizar os espanhóis. A pedra foi desferida por um opositor desconhecido.

Por tudo isto, o ex-linguista Tzevtan Todorov, afirma, em seu livro "A Conquista da América", que "a tomada do México por Hernán não seria possível sem a ajuda de Malinche". De caráter hipócrita, Hernán presenteou Juan Jurumálin, um companheiro de expedição, com a bela Malinche. Ela ganhou a liberdade, casou-se e teve uma filha, batizada Maria. Fala-se que Malinche teria morrido em 1529 ou em 1551. Hoje, os antropólogos e historiadores não consideram Malinche traidora. Alegam que os astecas eram muito cruéis com os povos dominados, por causa dos inúmeros sacrifícios humanos em nome dos deuses. Daí o troco violento dado a eles, por povos estrangeiros ou da mesma etnia.

De acordo com o historiador José Alves de Freitas, da Unicamp, "Malinche não era a única pessoa ao lado de Hernán, quando da conquista do México, pois muitos povos se uniram a ele". E qual foi o fim de Martín, filho de Hernán e Malinche? Afastado da mãe aos seis anos, Martín foi levado para a Espanha e criado por parentes paternos. Lá, ganhou mais dois irmãos, de um casamento de Hernán com

a espanhola Juana Zuñiga. Tornou-se membro da Ordem Cavaleiro de Santiago. Na Espanha, era conhecido como El Mestizo. Ao se meter numa conspiração para conseguir a independência de Nova Espanha, acabou preso, torturado e desterrado. Morreu em 1568, longe do México e da Espanha.

Índia da tribo Nahuá, uma das diversas etnias do México pré-colombiano, Malinche teria nascido por volta de 1496. Seu nome original era Malinali, o mesmo que uma erva cujas fibras eram trançadas para fazer roupas. Ou também significaria um dos dias do calendário da época em que nasceu. Lopez de Gomara, autor da narrativa "História de Las Índias", escrita em 1522, afirma que ela era filha de família rica e que acabou sequestrada ainda criança e vendida para os índios de ascendência maia, que ocupavam Xicalango. Não se sabe como chegou a Tabasco, provavelmente aos 17 ou 18 anos, quando foi dada a Hernán. Em poder do navegador, ela foi batizada Marina, mas, como tinha dificuldade em pronunciar o "r", aos poucos passou a se chamar de Malintzin. Os espanhóis a apelidaram Malinche, pois tinham dificuldades com a língua dos índios.